

A SUBJETIVIDADE ENCLAUSURADA: o discurso científico na Biblioteconomia

Eliany Alvarenga de Araújo*

Resumo

Análise sobre o discurso científico na biblioteconomia. Considera-se que a questão básica para a biblioteconomia, no contexto científico, seja responder de forma coerente e segura as seguintes questões: A que veio? O que objetiva? Como alcançar seus objetivos? Faz-se, assim, uma análise sobre a ciência moderna e o discurso científico na Biblioteconomia, numa tentativa de localizá-lo no atual re-pensar sobre a ciência moderna.

1 INTRODUÇÃO

Até que ponto pode-se considerar a biblioteconomia uma ciência, uma técnica ou até mesmo uma arte? Estas são algumas das indagações que sempre surgem, quando se analisa a questão: cientificidade ou não da Biblioteconomia.

Esta análise pretende ir por outros caminhos, na busca de possíveis respostas a tais indagações. Acreditamos que a questão básica da biblioteconomia, no contexto científico, seja responder de forma coerente e segura a estas indagações: "A que veio? O que objetiva? Como alcança esses objetivos?" Além deste ponto básico, consideramos que a discussão deva se situar no campo amplo, fértil e complexo da ciência moderna.

Iniciamos este texto com uma análise sobre a ciência moderna, suas origens, objetivos e desenvolvimento, com ênfase para as ciências humanas. Num segundo momento, adentramos pelos campos da biblioteconomia, buscando, em análises de estudiosos da área, uma compreensão da questão - discurso científico na biblioteconomia. Finalizando, procuramos reunir nossa análise, sobre a ciência moderna e o discurso científico na Biblioteconomia, numa tentativa de inseri-la na complexa e desafiadora discussão sobre o papel da ciência na sociedade.

2 O DISCURSO DA CIÊNCIA: A OBJETIVIDADE DO ACASO

O que é ciência? Existem muitas maneiras de se abordar este tema e de se definir ciência. Apesar da multiplicidade e complexidade das várias definições, optamos por uma conceituação ampla e simples. Assim, entendemos por ciência uma atividade humana que produz um tipo de conhecimento, que pretende ser: logicamente coerente, axiologicamente neutro, causal, experimental, abstrato ou teórico e hipotético.

Para compreendermos como o conhecimento chegou a ter estas características, devemos analisar o surgimento da denominada "ciência moderna". Tal fato é aceito como tendo ocorrido nos princípios do século XVII. Conforme Neves (1945, p.11)

[...] de início a astronomia foi a primeira ciência natural a se estruturar, foi ela

* Aluna do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB

quem forneceu os princípios epistemológicos e metodológicos às outras ciências. Entre os princípios herdados, está a matemática, colocada como a linguagem a ser usada para descrever o mundo. Com esta linguagem, os postulados e os critérios de cientificidade da Astronomia foram transpostos para a física e da física para as outras áreas científicas.

Desta citação podemos retirar algumas conclusões. Somos levados a entender que a astronomia não tem uma relação direta com a história das sociedades, suas contradições e desenvolvimento. Esta ciência se dedica a entender a mecânica celeste, o cosmos infinito. Nesse aspecto, ela realmente se dedica "a outro mundo". Assim as bases da ciência moderna se originaram de uma prática desligada, em parte, do desenvolvimento histórico-social e cultural das sociedades. Vale salientar, entretanto, que astrônomos, como Copérnico e Galileu, foram figuras importantes para a evolução das idéias, naquela época. Eles se fizeram presentes em seu contexto histórico, mas... isto ocorre muito mais pelas suas especificidades de visão de mundo, do que propriamente pela Astronomia.

Com relação à eleição da matemática, como linguagem descritiva do mundo, a ciência perde a qualidade em detrimento da quantidade/quantificação dos fenômenos. Com esta importância da matemática, temos uma neutralização básica da ciência, na medida em que todo questionamento sobre valor ou qualidade é retirado do universo científico. Desta forma, a ciência acaba por descrever o real. Conforme Neves, (1985, p. 22), "[...] ela o reinventa usando a matemática como estrutura e a experiência como ponto de contato entre o real e a teoria, o que garante a sua operacionalidade técnica".

A partir destes pontos podemos localizar, conforme Neves (1985), dois princípios básicos, que passam a ser critérios para a cientificidade ou não dos discursos: 1 – a exigência de exatidão que só a matemática permite cumprir; 2 - a definição da produção do conhecimento centrado na relação bipolar sujeito-objeto.

Com relação ao segundo ponto, ou seja, a relação sujeito-objeto, temos em Descartes o exemplo maior. Assim, para a ciência moderna, a produção de conhecimento é uma atividade intelectual de um sujeito abstrato (o ser humano), frente a um objeto abstrato (a natureza).

A produção científica fica assim definida: processo intelectual originado de um sujeito abstrato, deslocado das relações histórico-sociais, que tem no pensamento matemático a sua expressão. A ciência moderna, tendo por base estes princípios, gerará uma prática científica independente da história das sociedades, o que vem provocar uma separação desastrosa entre o corpo teórico das ciências e sua respectiva aplicação técnica.

Ao longo da história, surgiram diversas classificações das ciências. Conforme Buzzi (1988), a mais aceita é a classificação triádica em: ciências formais (as matemáticas e a lógica); empírico-formais (ciências da natureza) e hermenêuticas (ciências humanas). As ciências hermenêuticas são as ciências humanas ou as ciências do espírito. Pertencem ao grupo das ciências humanas, entre outras, a psicologia, a história, a economia, a política, a sociologia. Aqui está o grande debate: são ou não ciências as ciências humanas? São redutíveis as ciências empírico-formais? Tomam como exemplo as ciências formais puras? As respostas que dermos a estas perguntas irão nos conduzir para o outro grande debate: biblioteconomia - ciência, técnica ou arte? Concordamos com Buzzi (1988, p. 118-119),

[...] Há um só modelo de ciência: o modelo formal-operativo, exemplificado nas matemáticas. Conhecer cientificamente consiste em conhecer formalizando, matematizando o real. Que realidade pretendem conhecer as ciências hermenêuticas? Elas estudam as diversas atividades do homem. A ação humana é sempre também quantidade. E pode por isso ser submetida ao cálculo de medidas, que mostre como os diversos elementos que a compõem interagem entre si. Neste caso, o cientista busca descobrir as leis da mecânica da ação, como Newton buscou as leis da mecânica do movimento dos corpos celeste. [...] Porém, as ciências humanas consideram na ação uma quantidade de força diferente daquela das ciências da natureza. Uma quantidade cheia de espírito, significações e valores. Não basta, assim, inventar um quadro de medidas,

importa interpretar as forças que a compõem.

A ação humana mostra-se sempre cheia de sentido e carregada de valor, porque busca designar, na mecânica de esquemas, significações latentes, que estão no "coração", ou no ritmo da ação.

Desta forma, entendemos a cientificidade das ciências humanas é sempre "um vir a ser", pois o sentido que move a ação não permanece invariável, exigindo assim, para sua interpretação, diferentes esquemas analíticos. Consideradas desta maneira, as ciências humanas são ciências em construção, que lutam para alcançar um método científico, que sempre está sendo elaborado e reelaborado, a partir dos diferentes esquemas analíticos montados, para os diferentes sentidos das ações.

Vivemos atualmente num mundo técnico-científico (união da ciência com a tecnologia), que é uma outra fase da história da ciência moderna. Nesta fase, nos questionamos sobre a cientificidade de nossas práticas. Na área das ciências humanas, este questionar é uma constante, não sendo uma postura vista com bons olhos. As ciências humanas estudam a ação humana e, por isto, podem revelar coisas ocultas, coisas reprimidas e também podem ser usadas para ocultar e reprimir ainda mais estas coisas. O processo é conflitante.

Bordieu (1983, p. 16) deixa isso bem claro, quando se refere à cientificidade da sociologia:

[...] a sociologia possui o triste privilégio de ser incessantemente afrontada quanto à questão de sua cientificidade. Somos mil vezes menos exigentes em relação à história ou à etnologia para não falar da geografia, da filosofia ou da arqueologia. Constantemente interrogado, o sociólogo se interroga e interroga sem cessar. O que leva a crer num imperialismo sociológico: o que é esta ciência iniciante, balbuciante, que se permite questionar as outras ciências? Penso, é claro, na sociologia da ciência. De fato, a sociologia apenas coloca às outras ciências questões, que são colocadas a si mesma de uma forma parcialmente aguda. Se a sociologia é um ciência crítica, talvez seja porque ela mesma se encontra numa posição crítica. A sociologia cria problemas, como se diz.

Aprofundamos esta análise na relação ciências humanas e cientificidade, porque, acreditamos ser este o lugar da biblioteconomia, no campo geral das ciências. Podemos observar que a questão da cientificidade não é um problema apenas da biblioteconomia mas de todas as ciências humanas. Assim como estas, a biblioteconomia busca, na ligação quantidade/qualidade, o seu método científico. Quando as pesquisas na área das ciências humanas consideram, nos valores das ações, apenas os aspectos quantitativos, temos um empobrecimento destas pesquisas, que acabam por se resumir a tabelas estatísticas e a um amontoado de números. Uma posição cartesiana se faz presente e coloca a biblioteconomia no campo vazio das demonstrações estatísticas. Cabe salientar, entretanto, que o campo fica vazio, porque não é este o campo a ser habitado pela biblioteconomia. A estatística tem seu valor cientificamente comprovado, mas, indevidamente utilizada, ela se torna vazia de seus sentidos. Ela é um instrumento, um meio de se compreender determinada situação, não um fim em si mesma.

As duas questões colocadas anteriormente sobre exatidão da linguagem matemática e produção do conhecimento centrada na relação sujeito-objeto (ambos abstratos) estão especialmente presentes nas análises biblioteconômicas. A exatidão da matemática está prescrita na bibliometria, nos estudos de usuários, na Tabela de Classificação Decimal Universal (C.D.U) e em outros códigos. A relação sujeito-objeto (ambos abstratos), deslocados de um contexto social determinado, está presente no discurso que coloca a biblioteca como uma instituição que deve atender a todos, indistintamente. No nível da idealização, este discurso parece correto, mas no nível operacional este é um discurso que reduz as diferenças sociais e não proporciona uma ação bibliotecária contextualizada.

A presença destes dois princípios básicos de cientificidade no discurso da biblioteconomia, é indicadora de suas tentativas em se transformar em uma "ciência". Entretanto, o simples fato de se utilizar dos princípios básicos da cientificidade, não faz da biblioteconomia uma ciência.

Existe atualmente, em nível do contexto científico, e até mesmo fora dele, um repensar sobre a ciência moderna, seus objetivos e funções e a relação desta com a sociedade. No âmbito desta discussão, os princípios básicos da cientificidade estão sendo criticados, pois transformam o discurso científico em neutralidade e descompromisso com a realidade social. Isto provoca uma ruptura entre a produção do corpo teórico e sua aplicação técnica no contexto social.

Esta ruptura é especialmente marcante na biblioteconomia. Por exemplo, nos estudos de usuários a quantificação é o fator preponderante (quantos usuários, quantos empréstimos, quantas devoluções, etc). Acreditamos que se deva explorar o lado qualitativo, nestes estudos (quais são os usuários - faixa etária, profissão, sexo – quais os assuntos mais buscados e também os menos procurados). Outro ponto a ser explorado, a partir do aspecto qualitativo, é o estudo dos não-usuários. Estes grupos que não se utilizam dos serviços bibliotecários podem ter observações interessantes, que auxiliariam na criação de novos serviços ou na reformulação dos serviços já existentes.

Ao se buscar o aspecto qualitativo em tais estudos, amplia-se o espaço de atuação da biblioteca, pois cria-se um inter-relacionamento entre a biblioteconomia e o contexto social tanto dos usuários como dos não-usuários. Afinal as ciências humanas só conseguem "ser ciência" quando evocam intensamente o pleno sentido da ação presente em todos os seus percursos.

3 BIBLIOTECONOMIA: EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO - O TEMPO DE SER CIÊNCIA

Entendendo a ciência como uma das atividades humanas e o método científico como um dos caminhos da interrogação humana, e que afinal só se difere de outros caminhos, por ser explícito, objetivo e sistemático, analisaremos textos de estudiosos brasileiros, que tratam do tema: a cientificidade ou não da biblioteconomia.

Até que ponto pode-se considerar a biblioteconomia uma ciência? Quais os princípios filosóficos que fazem dela uma verdadeira ciência? Será ela apenas uma técnica ou uma arte, ou mesmo poder-se-á apresentá-la como metaciência por força do seu próprio objeto: a informação? [...] A biblioteconomia não possui até hoje um corpo definido de teorias, de leis, como existe na física, na química e na matemática. E nem poderia ter, pois ela não é uma ciência exata. Além do mais, qual das ciências sociais já possui um quadro teórico bem definido? (SOUZA, 1986, p. 120, 192).

Este autor entende que o "tornar-se ciência para a biblioteconomia" passa necessariamente pelos caminhos da filosofia, pois esta empresta à biblioteconomia o seu aparato metodológico, que é reconhecido como sendo científico. Assim, através desta ligação pode-se falar de uma filosofia da biblioteconomia, que é definida por Souza (1986, p. 194) "como um conjunto de teorias, princípios, e métodos que procuram fazer da biblioteconomia uma ciência."

Em sua dissertação de mestrado, intitulada "Dimensões atuais da Biblioteconomia no Brasil: um estudo através de suas tendências", Souza (1987) afirma que existem dois grandes problemas na biblioteconomia brasileira: 1) Problema epistemológico. A epistemologia é o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências, destinado a determinar sua origem lógica, seu valor e seu alcance objetivo. Se realizarmos um estudo epistemológico da biblioteconomia, veremos que o seu objeto de estudo - a informação - amplia constantemente o seu campo de atuação e seus meios de transferência, o que ocasiona uma ampla e complexa conceituação do mesmo. Isto provoca uma indefinição quanto ao estabelecimento de uma epistemologia da biblioteconomia, ou seja, não conseguimos ainda definir, coordenar,

integrar e disseminar o conhecimento bibliotecário diante da sociedade, de forma consistente e contínua. 2) Problema teleológico. A teleologia é o estudo das finalidades e objetivos de uma ciência. Aqui também encontramos uma indefinição, presente não só na biblioteconomia, mas em todas as ciências humanas. Se este problema não for bem equacionado, tudo o mais será nebuloso e a própria profissão ficará tateando, como se estivesse no escuro.

O citado autor conclui que " [...] se até hoje a biblioteconomia ainda é considerada uma profissão meio e não uma profissão fim, é porque esses dois problemas ainda não foram resolvidos, de forma satisfatória". (SOUZA, 1987, p. 141).

Para Mostafa (1981), a questão principal não é se a "biblioteconomia é ciência ou não, mas como está sendo elaborada esta atividade". Para a autora, o discurso que apresenta a biblioteconomia, como sendo uma atividade neutra e abstrata, é na verdade um discurso que objetiva retirar a prática bibliotecária de um contexto socialmente determinado e dentro deste as ligações que a biblioteca mantém com o todo.

Assim devidamente isolada, a biblioteca e a prática bibliotecária passam a ser "discursos feitos de espaços em branco, onde não se pode dizer até o fim aquilo que se pretende dizer. Se o disser, se preencher todas as lacunas, ele se auto-destrói como ideologia." (MOSTAFA, 1981, p. 50).

Em outro texto, intitulado "Desafio à pesquisa de informação latino-americana: linha temática e linha metodológica", MOSTAFA (1980) analisa a produção de pesquisa sobre informação na América Latina, a partir dos aspectos temáticos (que temas são pesquisados?) e metodológicos (a partir de qual(is) método(s) focalizam-se os temas?). [...] Verificamos que as tendências da pesquisa em bibliotecas e serviços de informação [...] na última década (1970) estão acentuadamente marcadas pelo pensamento sistemático através das análises sociométricas [...], as quais, do ponto de vista metodológico, buscam a racionalidade interna dos serviços, procurando aumentar a eficiência funcional das bibliotecas, problemática gerada nos E.U.A. e por nós incorporada. [...] A eficiência funcional consagrada pelo funcionalismo considera os desvios patológicos. Assim a informação e seus problemas são encarados, como sendo de ordem técnica e administrativa e a intervenção estatal é vista como neutra, a serviço de uma sociedade pretensamente homogênea. O funcionalismo é então o marco teórico hegemônico das pesquisas em informação na América Latina. (MOSTAFA, 1980, p. 317).

Partindo desta consideração, a autora sugere que uma das alternativas possíveis, para romper esta hegemonia funcionalista, seria abordagem antimecanicista do materialismo dialético. Ou seja, devemos considerar "a prática da biblioteconomia e da ciência da informação, a partir do contexto do modo de produção capitalista." (MOSTAFA, 1980, p. 317). Procurando exemplificar como se daria o uso da abordagem materialista-dialética na biblioteconomia, a autora apresenta quatro hipóteses, que utilizam tal abordagem:

1ª hipótese: a prática da biblioteconomia e da ciência da informação está determinada historicamente, pelo modo de produção capitalista;

2ª hipótese: os critérios da divisão de trabalho, isto é, a especialização é de ordem social e não técnica;

3ª hipótese: a gerência (conseqüência da divisão do trabalho) por exercer uma posição (intelectual) na superestrutura (instituição), sendo pois parte dela e por deter a visão global do trabalho realizado na infra-estrutura (interior da prática), não é feita por um bibliotecário ou cientista da informação, mas preferencialmente por um profissional de uma área não social ou parassocial; 4ª hipótese: a biblioteca executa um trabalho manual concebido fora dela, pelos elementos da gerência.

A utilização desta e de outras abordagens pelos estudiosos amplia as possibilidades de análise e de compreensão da prática bibliotecária e sua correlação com o contexto social

no qual a biblioteca/sistema de informação se situa.

"[...] O estudo da biblioteconomia somente poderá atingir o reconhecimento de uma verdadeira ciência, quando um referencial teórico geral for desenvolvido." (KREMER, 1953, p. 217). Em texto intitulado: "Considerações sobre o ensino de métodos de pesquisa", Kremer (1983) entende que o método científico é algo a ser conquistado, na biblioteconomia. Outra questão importante, ressaltada por Kremer (1983), é a necessidade de se desenvolver uma biblioteconomia mais voltada para a realidade nacional, objetivando encontrar " [...] soluções apropriadas para os problemas típicos de disseminação, organização e uso da informação num país em desenvolvimento. Nesse caso, nem sempre as soluções importadas serão apropriadas, principalmente, quando são o resultado de experiências realizadas em contextos totalmente diferentes do nosso." (KREMER, 1983, p. 218). A biblioteconomia tem sido considerada uma técnica, que objetiva organizar e disseminar a informação, sem se preocupar com sua fundamentação teórica. A questão da inexistência de métodos científicos (experimental, causal, coerente e hipotético) que venham a dar suporte para a compreensão do ciclo informacional e das práticas bibliotecárias é abordada por vários estudiosos.

Entretanto, acreditamos que existe aqui outra questão tão importante quanto esta: se a biblioteconomia é considerada uma técnica, o mais importante é que esta técnica seja eficaz, ou se ela encaminha para "ser ciência" que seja suficientemente verdadeira. Acreditamos que o mais importante não é ser ciência, ou técnica, ou ainda uma arte. O mais importante é que, sendo algum destas categorias, a biblioteconomia seja eficiente (respondendo aos problemas do ciclo informacional) e verdadeira (dando respostas que considerem sempre o contexto social).

4 UM CONHECIMENTO EM CONSTRUÇÃO

Das análises aqui citadas, pode-se perceber um argumento presente em todas: a biblioteconomia é carente de teorias e métodos científicos de pesquisas. A partir deste argumento central outro surge: a necessidade do desenvolvimento de uma filosofia da biblioteconomia, cujo objetivo maior seria formular suas bases epistemológicas e teleológicas.

Entretanto, acreditamos que existe aqui, outra questão a ser levantada, que poderia ser formulada nos seguintes termos: a ciência moderna deve ser a expressão de uma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver.

Quando a ciência moderna relegou completamente o senso comum a um segundo plano, ela se perdeu e perdeu seu objetivo, inicial e justificador: a ciência é uma função da vida; justifica-se apenas enquanto órgão adequado à nossa sobrevivência. Uma ciência, que se divorciou da vida, perdeu a sua legitimação. (ALVES, 1981, p. 4).

O que existe por detrás de toda a nacionalidade da ciência moderna? Anteriormente dissemos que o discurso da ciência moderna surgiu num contexto social, no qual o discurso teológico era soberano, como uma reação a este discurso, a ciência moderna pretende ser objetiva e não mística, racional e não intuitiva ou instintiva. Entretanto, existem neste contexto social outras condições e interesses, no estabelecimento deste discurso científico. O conhecimento científico surge e se desenvolve durante a revolução burguesa. Assim se estabelece uma inter-relação entre a emergente ciência moderna e as necessidades da revolução burguesa.

[...] o conhecimento científico se desenvolve para satisfazer às necessidades técnicas da produção e da dominação burguesa. [...] O progresso científico se desenvolve para satisfazer às necessidades técnicas da produção e da dominação burguesa. [...] O progresso técnico, que vem desempenhando um papel decisivo no

processo de acumulação de capital, é resultante direto e indireto do conhecimento científico. E sabido que a melhor é a maior parte do que foi gerado pelo conhecimento científico tem sido apropriado pela burguesia e tem servido para a hegemonia dessa classe. Mas não termina no âmbito da produção o uso que a burguesia faz da ciência. O conhecimento científico, com o direito universal e com o liberalismo, compõe aquilo que se poderia chamar "o discurso burguês" por excelência. A idéia de que há uma única lei para todos, que todos são iguais perante a lei, que cada cidadão tem o direito de livre expressão, livre credo, livre circulação, etc. e de que existe um conhecimento universal só poderia ser invenções de uma classe que se diz universal. De fato, o mundo capitalista, o mundo burguês não conhece limites. Entretanto, a universalidade contida nesses discursos (da justiça universal, o do liberalismo e do conhecimento científico) serve para esconder a desigualdade que é inerente ao mundo burguês. (BERLINCK, 1978, p. 9).

O conhecimento científico institui uma razão única e exterior aos sujeitos que a criam. E o princípio da causalidade: a todo fenômeno corresponde uma causa e o controle desta causa controlará o fenômeno. Essa razão acaba não sendo raciocínio, atividade criadora do ser humano. Se eu quiser ser cientista, eu posso pensar o que quiser, desde que, dentro dos critérios científicos. O discurso científico passa a ser controlador, não restando nenhuma alternativa para quem deseja pensar, analisar; assim ou nos submetemos a ele ou perdemos a razão. Esta é a lei do conhecimento universal que postula, na verdade, controlar o mundo.

Atualmente ocorre um re-pensar crítico da ciência sobre a ciência. Conforme Matos (1989, p. 8),

[...] o momento de, [...] ceticismo é indispensável para o desenvolvimento filosófico, na medida em que reexamina a realidade; ele tem uma função emancipatória. Nos gregos, em Montaigne, em Schopenhauer, há sempre um momento em que você não aceita acriticamente o existente, em que não há uma adesão imediata ao que está dado. Ao contrário existe uma distância em relação às coisas, e essa desconfiança, essa suspeita, é justamente o que leva os frankfurtianos a questionar os grandes sistemas filosóficos, diferente do gesto arrogante da filosofia dos homens, porque a metafísica é uma racionalização filosófica do sofrimento. [...] você tem que reintroduzir a dúvida dentro da razão. Uma razão que não é auto-crítica, que é autoconfiante, autoreferida, simplesmente reitera o existente, pois é apologia de si mesma.

Desta forma a análise da cientificidade ou não da biblioteconomia deve necessariamente passar pelos atuais caminhos das discussões sobre a ciência moderna. Temos a dúvida, temos várias dúvidas na biblioteconomia. Nossa razão é fraca e medrosa. Este é um ponto importante. Enquanto outras ciências estão a desconfiar de suas razões estabelecidas, nós, na biblioteconomia, temos uma razão a ser estabelecida e muitas dúvidas. Acreditamos que este é um ponto favorável para a biblioteconomia, pois não temos que destruir o imenso edifício da razão bibliotecária, do discurso científico. Não temos que destruir o imenso edifício da razão bibliotecária, do discurso científico. Nós não temos este edifício; estamos ainda nas bases de sua construção.

E nessas bases estão nossas dúvidas (a que veio a biblioteconomia? o que objetiva? como alcançar a realização desses objetivos?). O que fazer delas? Expor estas dúvidas, sob a luz das atuais análises que negam os grandes relatos científicos. Devemos nos incluir nesta discussão, procurar um novo enfoque para a análise de nossas dúvidas, acabando assim com os "achismos" e iniciando uma análise crítica da prática bibliotecária, que a relacione ao contexto no qual se realiza.

Mueller (1984), em sua análise intitulada "Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação da função e papéis da biblioteca", apresenta-nos um roteiro para penetrarmos nas análises do re-pensar da ciência moderna. Em primeiro lugar, devemos evitar atitudes passivas, que apenas respondem às necessidades sociais, e não propõem nada para o

contexto no qual a biblioteca se insere. Em segundo lugar, devemos fixar nossas análises sobre dois pontos: a) as funções básicas da biblioteca: preservação, organização e difusão do conhecimento ou informação; b) formas de desenvolvimento e o uso feito dessas funções nas atuais sociedades.

O conhecimento científico, que pretende ser sempre a reforma das ilusões, pode ele mesmo transformar-se em ilusão se estiver atento unicamente a si mesmo e pode levar a um reino de especialistas indispensáveis à operação da máquina social, destituídos, porém, da tomada de decisões, reduzidos à categoria de executantes mais ou menos respeitados. Semelhante à alienação da subjetividade enclausurada em si mesma é alienação da objetividade, desamparada da presença ativa do sujeito humano. [...] Os fatos e os valores são inseparáveis no âmbito das relações humanas que sobre eles e neles se constroem e no âmbito das forças produtivas que se desenvolvem como possibilidades novas às disposições dos projetos em que se empenham os sujeitos da história. (MARQUES, 1987, p. 50).

Assim, se a ciência e seu discurso não encontrara legitimação social ao lado de uma verdade asséptica e neutralizante, talvez ela pudesse fazer a experiência de tentar encontrar o seu sentido ao lado da imaginação, das emoções, das alegrias, tristezas, amor e ódio; em outras palavras, no mundo cotidiano de todas as pessoas humanas. Este argumento parece irracional? Não o vemos desta forma. Irracional é toda ciência que aniquila, sufoca e reprime cotidianamente as pessoas, Irracional é toda ciência desvinculada da vida, pois ciência desvinculada desses pressupostos é um produto da morte.

Corno Brecht, sustentamos "que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana."

-

THE ENCLOSED SUBJECTIVIT: Lybrary Science scientific discourse

Abstract

Analyse about the scientific discourses within Librarianship. Whereas the basic question for the librarianship, in the scient context is to answer: what is the meaning of this? What does it have in view? How to get to its objectives? Analyse about modern science and the scientific discourses in the librarianship, in an effort to place, itself, in the current debate actual about science and society.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. **Filosofia da ciência**: uma introdução ao jogo e sua regras. São Paulo: Brasiliense, 1981. 209p.

BERLINK, Manoel T. Sobre alguns limites da razão científica. **Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 7-14, 1978.

BORDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 16-29.

BUZZI, Angelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 79-117.

KREMER, Jeanette Marguerite. Considerações sobre o ensino de métodos de pesquisa.

R.Bibliotecon.Brasília. Brasília, v. 11, n. 2, p. 221-230, jul./dez. 1983.

MATOS, Olgária. A filosofia está no rodapé. **Leia**, São Paulo, n. 132, p. 5-10, 1989.

MARQUES, Mário Osório. Formas e graus do conhecimento. **Rev.Cultura Vozes**. Petrópolis, n. 4, p. 44-50, jul./dez. 1987.

MOSTAFA, Solange Puntel. Biblioteconomia e história; uma abordagem dialética. **R.Bras.Bibliotecon.Doc.**, São Paulo, v. 14, n. 1/2, p. 47-51, jan./jun. 1981.

_____. Desafio à pesquisa de informação latinoamericana: linha temática e linha metodológica. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1980, Salvador. **Anais...** Salvador: FEBAB, 1980. 2v.

MUELLER, Suzana. Bibliotecas e Sociedade: evolução da interpretação da função e papéis da biblioteca. **R.Esc.Bibliotecon.UFMG**, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.7-54, mar. 1984.

NEVES, Marcos. A ciência moderna e a máscara do poder. **R.Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 15, n. 2, p. 8-15, jul./dez. 1985.

SOUZA, Sebastião. Fundamentos filosóficos da biblioteconomia. **R.Bibliotecon.Brasília**, Brasília, v. 14, n. 2, p. 189-196, jul./dez. 1986.

_____. **Dimensões atuais da biblioteconomia no Brasil um estudo através de suas tendências**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1987, 200p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, 1987.